

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Iraty Nascimento Ferreira

**A PESCA TRADICIONAL NO RIO CORUMBAUZINHO: RETOMANDO E
DESPERTANDO A IMPORTÂNCIA DOS SABERES TRADICIONAIS PARA Novas
GERAÇÕES**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientadora: Marina de Lima Tavares

Orientador: Célio da Silveira Júnior



Figura 1- Monte Pascoal do Povo Pataxó: Território Indígena Barra Velha

Belo Horizonte
Outubro de 2024
Agradecimentos

Este trabalho de pesquisa dedico primeiramente ao nosso Deus, Tupã que me deu o privilégio para concluir este percurso. À minha comunidade de Corumbauzinho que me apoiou nesta trajetória de compartilhamento de saberes indígenas. Ao meu povo Pataxó que sempre resistiu neste Território Sagrado.

Aos nossos anciãos pescadores da Aldeia Corumbauzinho que são os verdadeiros mestres nos conhecimentos tradicionais do nosso povo guerreiro, com muito amor tiveram um tempinho para me contarem sobre as suas vivências de culturais e práticas da pescaria tradicional no rio da nossa comunidade.

Aos professores e estudantes que tiveram o privilégio de participarem deste projeto de retomada dos conhecimentos tradicionais adormecidos em nossa aldeia.

Em especial à minha Esposa Samara da Silva Santos Ferreira, minha companheira, amiga que sempre esteve presente nos momentos de alegrias, nas tristezas e grande incentivadora para não desistir desta formação tão importante para o povo Pataxó. Às minhas filhas Itxaahá Kãdara Ferreira da Silva e Dxahá Tanara Ferreira da Silva que sempre foram as inspirações para continuar. Para minha mãe Maura Ponçada Ferreira e meu pai Waldemar Máximo Ferreira, que me deram total apoio para seguir avançando nesta trajetória. Aos meus avós Manoel Máximo Ferreira e Madalena Braz, que desde muito tempo praticam a pesca tradicional em nosso território Pataxó com as armadilhas tradicionais. Às nossas lideranças Pataxós que sempre estão na luta pelos nossos direitos tanto na área da educação, saúde e conquista de nossos direitos.

Agradecer aos professores da Formação Intercultural para Educadores Indígenas, por nos transmitir um conhecimento, para que possamos atuar na educação indígena. Aos colegas do FIEI por compartilharmos conhecimentos riquíssimos que levaremos para toda vida.

Resumo: Este projeto de pesquisa foi realizado na Aldeia Corumbauzinho, Território Indígena Barra Velha Município de Prado no Extremo Sul da Bahia. Visou retomar as práticas de pesca com armadilhas tradicionais, e deixar registrado a importância dos conhecimentos tradicionais do povo guerreiro Pataxó da Aldeia Corumbauzinho sobre as armadilhas que pescamos no rio. As armadilhas tradicionais de pesca são artes que sempre venho observando o meu pai e avô fazendo para pescar no rio, e por este motivo fiz o percurso sobre este assunto. Que as nossas crianças e juventude da Comunidade Corumbauzinho possam dar mais uma atenção especial para esta aprendizagem de pesca tradicional que ainda é realizada em nosso rio e assim reforçar a prática cultural em relação a pesca tradicional de nosso povo.

As armadilhas de pesca sempre estiveram presentes na vida dos moradores de minha comunidade, pois atualmente a juventude de minha aldeia está esquecendo aos poucos o uso e alguns conhecimentos sobre as armadilhas e substituindo-as por materiais de pescas industrializadas. É muito importante que esta aprendizagem não se perca e que fique registrado na memória de nossas crianças, juventude e futuras gerações da comunidade de Corumbauzinho. Só assim a nossa cultura sempre se manterá viva e praticada pelos jovens guerreiros de nossa aldeia.

Lista de Imagens

Figura 1 – Monte Pascoal do Povo Pataxó: Território Indígena Barra Velha **Erro! Indicador não definido.**

Figura 2 - Iraty Nascimento.6

Figura 3 - Sr. Rosivaldo da Rocha Braz.12

Figura 4 - Mapa da Aldeia Corumbauzinho15

Figura 5 - Mapa do Rio Corumbauzinho Desenhado Iraty Nascimento Ferreira18

Figura 6 –Legenda do Rio Corumbauzinho 19

Figura 7 – Encontro das Águas do Rio Corumbauzinho com o Mar20

Figura 8 - Samburá21

Figura 9 – Anzol Artesanal22

Figura 10 - Pindaíba24

Figura 11 – Chiqueiro de Pesca **Erro! Indicador não definido.**

Figura 12 - Surú.27

Figura 13 – Tapagem no Rio28

Figura 14 - Jiquiá29

Figura 15 – Local Para Armar Jiquiá30

Figura 16 – objetos Feitos Com Cipó Verdadeiro31

Figura 17 – Palmeira de Tucum31

Figura 18 – Folha do Tucum.32

Figura 19 – Dxahá Tãnara Aprendendo Tirar a Fibra do Tucum.34

Figura 20 – Itxahá Kãdara, ãdxehê e Dxahá Tãnara Tecendo Tecendo a Fibra do Tucum na Casa de seu Avô35

Figura 21 - Linha do Tucum36

37

Figura 22 – 37

Figura 23 – Facho Pronto para Pescaria37

Figura 24 – Restos do Facho39

Figura 25 - Traíra40

Figura 26 – Piaba41

Figura 27 - Jundiá45

Figura 28 - Marobá47

Figura 29 - Cascudo.50

Figura 30 - Beré.51

Figura 31 – Dona Valdeci Pereira Braz52

Figura 32 - Pesqueiros54

Figura 33 – Peixe na Folha da Patioba57

Figura 34 – Peixe Assado58

Figura 35 – Moqueca no Leite do Coco59 58

Figura 36 – Atividade na Escola.....

Figura 37 – Atividades Realizadas com estudantes do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.....

Figura 38 – Desenho de Peixe do Mar na Parede da Escola.....

Figura 39 – Aula De Pescaria Tradicional com Sr Rosivaldo e Dona Lúcia.....

Figura 40 – Estudantes Pescando com Jiquiá.....

Figura 41 – Estudante Pescando no Rio Corumbauzinho.....

Sumário

Apresentação6

1. INTRODUÇÃO8
2. ALDEIA CORUMBAUZINHO15
 - 2.1. Processo de Demarcação da Aldeia Corumbauzinho15
3. MAPEAMENTO DO RIO CORUMBAUZINHO17
4. A PESCA TRADICIONAL DE CORUMBAUZINHO20
 - 4.1. Armadilha de pesca20
 - 4.2. Época da colheita do Cipó Verdadeiro29
 - 4.3. Linha de Pesca29
 - 4.4. Pescaria com o Facho34
 - 4.5. Espécies de peixes do Rio Corumbauzinho35
5. ENTREVISTAS42
 - 5.1. Entrevista com Rosivaldo42
 - 5.2. Entrevista com a pescadora Luciene Pereira Braz44
 - 5.4. Entrevista com Ednaldo Ferreira do Santos49
6. RECEITAS50
 - 6.1. Preparo do peixe do rio na folha da patioba50
 - 6.2. Peixe assado50
 - 6.3. Moqueca de Traíra no leite do coco51
7. ATIVIDADES NA ESCOLA53
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS60
- REFERÊNCIAS63

Apresentação



Figura 1 - Iraty Nascimento.

Eu Iraty Nascimento Ferreira, nasci na Aldeia Barra Velha, Território Indígena Barra Velha, Extremo Sul da Bahia, Município de Porto Seguro. Nasci no ano de 1991. Atualmente tenho 33 anos de idade sou casado com Samara da Silva Santos Ferreira, tenho duas filhas com os nomes: Itxahá Kãdara Ferreira da Silva e Dxahá Tanara Ferreira da Silva. Estudei sempre na Escola Indígena Barra Velha e no ano de 2010 conclui o ensino médio. No ano seguinte fui substituir por seis meses uma professora

que estava de licença maternidade na Escola Indígena da Aldeia Águas Belas no Município de Prado Extremo Sul da Bahia. Chegando nesta escola passei por muitas dificuldades para trabalhar com a disciplina de geografia, onde fui adquirindo experiências com outros professores que já atuavam na educação indígena por muito tempo. Mas foi uma experiência que contribuiu muito na minha aprendizagem e rotina como professor indígena durante estes seis meses.

Depois desses seis meses continuei na escola Bom Jesus de Águas Belas trabalhando no PST (Prestação de Serviço Temporário) ofertado pelo Estado da Bahia. Esse novo contrato foi muito ruim, pois nós professores indígenas trabalhávamos nesta nova empresa durante seis, sete, oito meses e não recebíamos os nossos pagamentos, mesmo com essas dificuldades nunca desistimos de transmitir os conhecimentos para nossos estudantes. Como não recebíamos os pagamentos a comunidade da aldeia Águas Belas sempre nos ajudou com alimentação e sempre nos alegrando que dias melhores estavam por vim. Quando nós recebíamos o pagamento não tinha mais graça, pagava todos os débitos que fazíamos na aldeia e o restante do dinheiro mandava para ajudar minha mãe que morava na aldeia Barra Velha. Pois com este contrato ficava muito difícil pagar uma faculdade particular para adquirir experiências para estar atuando em sala de aula. Como não tinha recurso para pagar uma faculdade, desde 2015 vinha me escrevendo no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas e no ano de 2020 consegui ser aprovado.

Fique muito alegre quando soube que tinha sido aprovado no curso de Línguas, Artes e Literatura, pois iria me ajudar muito na retomada dos conhecimentos tradicionais e na minha formação como professor indígena. Vir que em nossa comunidade os saberes tradicionais estão sempre presentes e resolvi fortalecer mais esses conhecimentos tradicionais sobre a pesca tradicional no rio Corumbauzinho Território Barra Velha da aldeia Corumbauzinho, escolhi este tema para pesquisar.

Quero com este trabalho fortificar a prática de pescaria cultural no rio Corumbauzinho e não deixar que este saber tão importante cai no esquecimento de nossas gerações. Sempre temos que manter vivo estes conhecimentos tradicionais de pesca com armadilhas na aldeia Corumbauzinho, para não serem substituídas por materiais de

pesca industrializadas. Por isso temos que ensinar nossas crianças, jovens sobre a importância da pesca com armadilhas no rio Corumbauzinho, para que todos da aldeia tenham o conhecimento desta prática cultural que os nossos anciãos da comunidade faziam para estarem resistindo no Território Barra Velha.

1. INTRODUÇÃO

A pesca com armadilhas tradicionais é muito importante para nossa comunidade, pois se torna uma fonte de sobrevivência e fortalecimento dos costumes tradicionais de nossa aldeia. Desde muito tempo os anciãos pescadores de nossa comunidade tem contigo essa vivência de pesca muito rica. Atualmente os materiais de pesca industrializadas estão presentes no cotidiano dos pescadores, mas temos que está sempre fortalecendo os saberes indígenas de nosso povo. A pesca com armadilha indígena é mais divertida, pois em um dia para o outro, capturam uma menor quantidade de peixe. Diferente da pesca com redes industrializadas que acabam capturando peixinhos pequenos, camarões e em uma hora de pesca pega vários peixes. E isso acaba diminuindo as espécies de peixes do rio Corumbauzinho.

Atualmente no rio Corumbauzinho tem várias espécies de peixes como: traíras, berés, cascudos ou akarí, jundiás, judeu, piabas, marobás, pratibú e robalo. Algumas dessas espécies estão desaparecendo e indo para outras partes profundas do rio Corumbauzinho.

Os pescadores da aldeia Corumbauzinho tem o conhecimento muito rico na pescaria tradicional, muito desses pescadores são anciãos que também aprenderam essas experiências de pesca com seus pais no passado. Pois o compartilhamento destes saberes para as nossas crianças e juventude acabam nos fortalecendo a nossa identidade cultural. O rio Corumbauzinho tem uma importância muito fundamental para nossa comunidade, pois ele se torna um meio de buscarmos o nosso alimento, temos a nascentes próximas dele que alguns moradores acabam usando a água no consumo diário e essencial para todos os seres vivos e plantas.

Justificativa

As armadilhas de pesca sempre estiveram presentes na vida dos moradores de minha comunidade, pois atualmente a juventude de minha aldeia está esquecendo aos poucos o uso e alguns conhecimentos sobre as armadilhas e substituindo-as por materiais de pescas industrializadas. É muito importante que esta aprendizagem não se perca e que fique registrado na memória de nossas crianças, juventude e futuras gerações da comunidade de Corumbauzinho. Só assim a nossa cultura sempre manterá viva e praticada pelos jovens guerreiros de nossa aldeia. As armadilhas tradicionais de pesca são artes que sempre venho observando os pescadores da aldeia Corumbauzinho, meu pai e avô fazendo para pescar no rio, e por este motivo fiz o percurso sobre este assunto. Que as nossas crianças e juventude da Comunidade Corumbauzinho possam dar mais uma atenção especial para esta aprendizagem de pesca tradicional que ainda é realizada em nosso rio e assim reforçar a prática cultural em relação a pesca tradicional de nosso povo.

Também conscientizar os pescadores, crianças, juventude e futuras gerações pela preservação de espécies de peixes existentes no rio Corumbauzinho, sempre estarmos fazendo palestras na comunidade para não realizarmos a pescaria com armadilhas tradicionais quando os peixes estiverem em reprodução.

Atualmente na comunidade Corumbauzinho os materiais de pescas industrializadas estão presente no dia a dia de nossos jovens e crianças, não queremos dizer que somos contra a chegada de novas tecnologias de pesca para dentro de nossa comunidade, mas não podemos deixar de praticar as vivências de pescaria tradicionais que aprendemos com nossos anciãos da comunidade.

Venho observando que só os pescadores sabem produzir as armadilhas e que seria importante que todos da comunidade tivesse este conhecimento desta aprendizagem cultural.

Os fazendeiros próximos de nossa comunidade captam a água do nosso rio para irrigações de suas lavouras, com isso o rio vem secando e as espécies de peixes estão desaparecendo de nosso rio Corumbauzinho.

Objetivos

- Despertar a importância da preservação cultural em nossa comunidade.
- Mostrar para nossos jovens as práticas de pescaria tradicionais que os pescadores fazem para pegarem peixes no rio.
- Ensinar para nossas futuras gerações como fazerem armadilhas tradicionais de pescar no rio Corumbauzinho.
- Que nossas crianças e jovens da comunidade possam identificar as espécies de peixes que existiam no passado no Rio Corumbauzinho e as que existem atualmente.
- Manter estes saberes culturais que nossos avós usavam como meio de sobrevivência e fortalecermos a nossa identidade cultural.
- Respeitar o tempo quando os peixes estiverem em reprodução.
- Ter o conhecimento da lua para a retirada dos materiais que fazemos as armadilhas.
- Que todos da comunidade possam aprender onde nasce e onde deságua o rio Corumbauzinho.

Metodologia

Neste trabalho foram discutidas algumas questões importantes de saberes tradicionais de pescaria no rio Corumbauzinho. E para explicar melhor este projeto de pesquisa preferi dividir em três capítulos: **Armadilhas tradicionais de pesca, Espécies de peixes existente no rio Corumbauzinho, Atividade na escola e Receitas de preparo do peixe do rio.**

Os relatos coletados na comunidade foram com: um membro da comunidade que trabalha no saneamento básico, quatro pescadores, um professor e crianças da aldeia Corumbauzinho. O registro foi feito por meio de fotografias de armadilhas tradicionais que nossos pescadores anciãos fazem para pescarem no rio Corumbauzinho.

Antes de realizar as entrevistas com os pescadores e membros de minha comunidade, fui em busca dos pescadores e dialoguei sobre a importância da preservação deste tema para nossa comunidade, perguntei se pudessem compartilhar um pouco com suas vivências tradicionais de pesca para este percurso. Todos aceitaram em contribuir para este tema. Onde marcamos

uma data para realizar a entrevista.

Os indígenas entrevistados moram na Aldeia Corumbauzinho. Quatro destes entrevistados são pescadores anciãos, um professor e uma criança.

Entrevistei os pescadores anciãos porque eles têm uma experiência muito fundamental neste assunto e tem um conhecimento muito amplo que contribui para fortalecimento cultural de nossas gerações.

Também entrevistei um professor para observar as práticas de pesca que os anciãos fazem na comunidade e que seria importante transmitir estes sabres na escola, pois também entrevistei uma criança para fazer uma observação entre o conhecimento dos anciãos com a dos jovens e crianças em relação a pescaria com armadilhas tradicionais no rio Corumbauzinho. Ambos transmitiram conhecimentos de muito valor e que suas famílias também vivenciam as práticas culturais de pesca no seu dia a dia. Como foram seis entrevistados, pois escolhi pessoas com idade diferente, justamente para fazer a comparação do uso das armadilhas tradicionais de pesca em nossa comunidade.

A primeira pessoa a ser entrevista foi com o Sr. Rosivaldo da Rocha Braz, no dia 8 de abril de 2024 (Segunda feira). Chegando em sua casa não o encontrei e tive que aguardar por 30 minutos a sua chegada. Antes dele chegar conversei com seus filhos sobre a importância de meu trabalho para nossa comunidade, onde todos acharam interessante de registrarmos os conhecimentos que os anciãos nos transmitem, nesta época tinha muita manga no quintal de seu Rosivaldo, onde um de seus filhos nos ofereceram uma sacola de manga para chuparmos. Quando seu Rosivaldo chegou me pediu desculpa por não está presente no horário da entrevista que marcamos, falou que estava ajudando um parente na roça próximo de sua casa. Falei que não tinha problema e se quisesse que eu iria em outro momento, pois ele falou que dava sim para contribuir com meu trabalho nesta data. Foi onde pedi sua permissão para gravar um vídeo dele falando sobre a pescaria tradicional em nossa comunidade, este vídeo teve um tempo de 25 minutos. Escolhi ele para ser entrevistado porque tem o conhecimento tradicionais de pesca e também por ser um ancião pescador de nossa comunidade.

Como tinha algumas questões que elaborei junto com meus orientadores, onde eu ia perguntando e ele respondia com muita alegria, mas não ficamos só focado nas questões que produzimos, ele ficou a tranquilo para conversar de outros assuntos. Naquele momento conversamos sobre a importância de nossa comunidade está preservando os costumes

tradicionais, também sorrimos das brincadeiras que ele contava para seus filhos naquela roda de conversa. Também ia anotando em meu caderno as falas, os nomes das pessoas que formaram a nossa comunidade, palavras que não sabia o significado e falas importantes sobre a pesca tradicional.



Figura 2 - Sr. Rosivaldo da Rocha Braz.

Seu Rosivaldo é morador da aldeia Corumbauzinho, responsável pelo saneamento básico de nossa comunidade, nos fala que não é funcionário de governo e sim de sua comunidade, sempre está presente nas reuniões da comunidade, aconselha a nossa juventude de nossa aldeia a estudar, gosta de ajudar os parentes na parte da agricultura, pois também é um pescador de nossa comunidade. Seu Rosivaldo é bem reconhecido em nossa região por ser uma pessoa humilde com todos e gosta de recepcionar os parentes quando chegam na aldeia Corumbauzinho. Cada aldeia temos uma pessoa que é responsável pelo saneamento básico e essas pessoas acabam sendo lideranças muito importante para as comunidades.

A segunda entrevista foi com Dona Luciene Pereira Braz, no dia 08 de abril de 2024 (segunda-feira). Essa entrevista também foi feita gravada em áudios e assim como a primeira foi muito importante. Fui até a casa dela para realizar a entrevista. Escolhi dona Luciene porque é uma

pescadora guerreira que sempre gostou de pescar com as armadilhas tradicionais em nosso rio, pois é um privilégio registrar neste trabalho suas experiências de pesca e a valorização da mulher indígena em nossa comunidade. Nesta entrevista fiz perguntas idênticas das primeiras e algumas iam surgindo de acordo ao tempo, essa entrevista durou 15 minutos.

Dona Luciene Pereira Braz mora na Aldeia Corumbauzinho. Esposa de seu Rosivaldo, atualmente é pescadora de nossa comunidade, contribui como cozinheira nas festas de São Sebastião que sempre acontece em nossa comunidade nos dias 01, 02 e 03 do mês de Fervereiro na comunidade. Também gosta de ajudar as mulheres da aldeia na produção de beiju e farinha, pois tem um conhecimento muito rico na Farinheira da aldeia. Dona Luciene tem 55 anos de idade, substitui seu esposo no saneamento básico quando está resolvendo questões de saúde da família.

A terceira entrevista com outra pescadora: Valdeci Pereira, no dia 10 de abril de 2024. Essa entrevista foi muito importante para meu trabalho, preferi fazer as anotações no caderno por respeito da anciã não está acostumada fazer entrevistas com uma câmera apontada para sua pessoa.

Preferi fazer a entrevista com porque atualmente ela vem mantendo a pescaria tradicional em nossa comunidade e por manter essa cultura viva. Dona Valdeci é uma moradora de nossa aldeia Corumbauzinho, pois sempre contribuiu com saberes tradicionais para a nossa escola.

A quarta entrevista foi com as crianças: Itxahá Kãdara, Dxahá Tanara, ãdxehê, no dia 16 de abril de 2024. Essa entrevista foi muito divertida quando estava fazendo os vídeos das crianças tirando a linha do tucum, fiz algumas perguntas para elas, onde me respondiam com maior alegria sobre a importância de preservarmos este saber tradicional, também na hora da entrevista observei que elas não sabiam tirar a linha do tucum, pois na folha do tucum tem espinhos e por este motivo não estavam conseguindo. Eu sempre observava minha mãe tirar a linha do tucum para fazer os colares, foi onde fui ensinar para a criançada os primeiros passos para tirar a linha daquela folha, elas de imediato conseguiram tirar algumas linhas. Escolhi entrevistar essas crianças porque queria ver a reação delas ao praticarem uma atividade tradicional que nossos familiares faziam no passado para sobreviver. Essas crianças são estudantes do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, pois é sempre bom estarmos aprendendo e compartilhando saberes com as nossas crianças.

A quinta pessoa entrevistada foi com: Ednaldo Ferreira dos Santos, no dia 23 de abril de 2024. Seu Ednaldo é professor de matemática há muito tempo na comunidade. A entrevista foi

através de vídeo e fiz algumas anotações no caderno das perguntas que ele ia me respondendo. Busquei entrevistar ele porque é uma pessoa que tem um saber muito rico nos conhecimentos tradicionais em nossa comunidade e por ser um professor também. Seu Ednaldo é morador na comunidade Corumbauzinho, gosta de trabalhar na parte da agricultura e sempre foi um pai presente na vida de seus filhos e foi muito legal aprender com ele uma armadilha tradicional de pesca que nunca tinha visto.

A sexta entrevista foi com o pescador Necivaldo. A entrevista foi no dia 03/09/ 2024 em sua casa. Esperamos cerca de 30 minutos no local que tínhamos marcado, pois estava no trabalhando em sua roça de pimenta. Seu Necivaldo trabalhou também em nossa comunidade por muito tempo como agente de saúde, atualmente é liderança da comunidade. A entrevista foi através de vídeos e via Whatsapp, pois conta as suas práticas de pesca com jiquiá.

2. ALDEIA CORUMBAUZINHO

A aldeia de Corumbauzinho fica situada no município de Prado / BA, próximo ao Monte Pascoal, na região de Corumbau Terra Indígena Barra Velha. É uma aldeia pequena, composta por 110 famílias com aproximadamente 600 indígenas. Sobrevivendo da caça, pesca, artesanato e agricultura, pois também preservamos os costumes tradicionais, não deixando que a nossa cultura se perca.

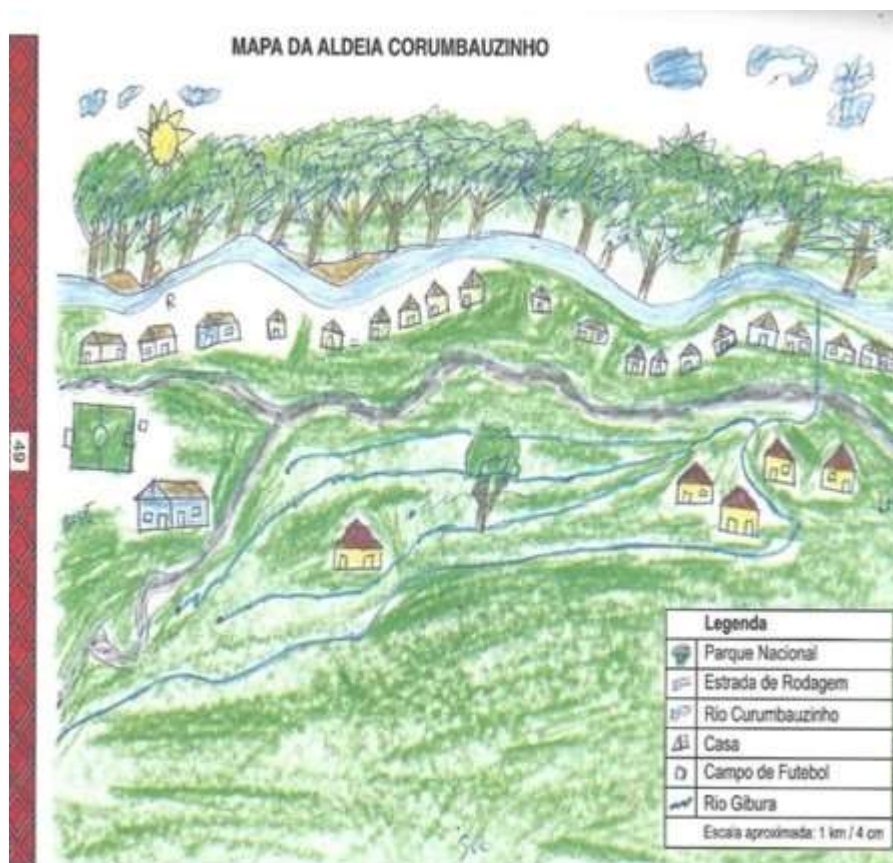


Figura 3 - Mapa da Aldeia Corumbauzinho. Fonte: Povo Pataxó leitura pataxó: Raízes e Vivência do Povo Pataxó nas escolas.

2.1. Processo de Demarcação da Aldeia Corumbauzinho

Os indígenas de Corumbauzinho viveram em terras particulares pagando impostos durante muitos anos, até que algumas lideranças Pataxó e Pataxós Hã Hãe, se

reuniram para reivindicar da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) o reconhecimento de nossas origens.

Em agosto de 1998, com a mobilização, retomamos outra área para garantir a sobrevivência e o bem viver para nossas futuras gerações. Os chefes de famílias fundadoras de Corumbauzinho foram: Alexandre Braz, Ananias Ferreira, Lauro Ferreira, Mário Braz e João Braz.

Atualmente a nossa aldeia não é homologada, mais as lideranças da aldeia Corumbauzinho lutam em coletivo com as lideranças do Território Barra Velha pela conquista de nosso território. No ano de 2022 os indígenas da aldeia Corumbauzinho resolveram retomar mais uma área que está dentro do nosso território de acordo com o estudo que fizeram de todo Território Barra Velha. A área de retomada que os indígenas da aldeia Corumbauzinho estão atualmente, os anciãos nos falam que eram todas de matas preservadas, pois os fazendeiros desmataram para a produção do carvão, plantio de eucalipto e pasto para criação de gado. Hoje os indígenas dessa retomada estão praticando a agricultura e plantio de árvores nativas com o intuito de diminuir o que foi desmatado no passado por fazendeiros.

3. MAPEAMENTO DO RIO CORUMBAUZINHO



Figura 5 – Mapa do Rio Corumbauzinho: Desenhado por Iraty Nascimento Ferreira



Figura 6 – Legenda do Rio Corumbauzinho: Iraty Nascimento Ferreira

O rio Corumbauzinho está localizado no Território Indígena Barra Velha no Município de Prado, Extremo Sul da Bahia. É neste que também buscamos nossa fonte de renda, temos nascentes que utilizamos a água para o consumo diário. O rio Corumbauzinho nasce na ponta norte da Serra do Goturama próximo as Fazenda Palheirinha, Dez Casas e do Parque Nacional Monte Pascoal dos Pataxós. O seu trajeto passa pelo córrego das palmeiras, aldeia Corumbauzinho e deságua no foz do rio corumbau no oceano atlântico.

Este rio é um afluente do rio Corumbau, temos também outras comunidades que buscam o seu meio de sobrevivência no rio Corumbauzinho: Águas Belas, Craveiro, Canto da Mata e Aldeia Quero Vê.



Figura 4 – Encontro das águas do Rio Corumbauzinho com o mar.

As águas do rio Corumbauzinho invadindo o mar na maré baixa. O rio Corumbauzinho divide os municípios de Porto Seguro ao norte e Prado ao sul. A foz do rio forma um cenário belíssimo quando a água do rio se junta com a água do oceano.

4. A PESCA TRADICIONAL DE CORUMBAUZINHO

Tive que organizar meu trabalho separando cada assunto, pude criar alguns tópicos: Comércio de peixes do rio na aldeia Corumbauzinho, Época de Pescar com o Surú, O Samburá, Como Faziam para produzir as armadilhas, Como faziam para produzir armadilhas de pesca, Quem ensinou fazer armadilhas, Importância do Rio Corumbauzinho para a comunidade, Locais de pesca essenciais para pescar com armadilhas, Como era feito o anzol, Recitas de como preparar o peixe do rio, Consequência que rio sofre, Pesqueiros que temos no Rio Corumbauzinho, Como os pescadores pescam no rio, pesqueiros de armadilhas, peixes que pegamos com surú, porque gosta de pescar, Como era a linha de Pesca, Crianças tirando a linha do tucum, Melhor momento para Pescar, Armadilhas de Pesca, Espécies de peixes que tem no rio Corumbauzinho, Época que os peixes estão em reprodução, Meios de sobrevivência da comunidade.

4.1. Armadilha de pesca

Samburá



Figura 5 - Samburá.

Seu Rosivaldo na entrevista nos fala que cada pescador tem o seu samburá feito com cipó verdadeiro, é um cesto que serve para colocar os peixes que pescamos, pois é

muito resistente e capaz de aguentar vinte a trinta quilos de peixes. Geralmente os cestos são produzidos pelos anciãos da comunidade, pois eles sabem identificar os cipós maduros que servem para fazer o cesto. Os anciãos da comunidade colhem o cipó verdadeiro quando a noite está escura, para que fique resistente por muito tempo, caso a pessoa colher o cipó verdadeiro na noite clara e fizer o cesto, a armadilha não vai durar por muito tempo, acaba dando broca e quebram com facilidade na água. Então para fazermos qualquer tipo de armadilhas, precisamos ouvir os conselhos dos nossos anciãos, respeitar o tempo de colheita, fase da lua, os segredos da mata e do rio e com o samburá temos mais facilidade de transitar nas matas e por dentro do rio quando realizamos a pesca.

Como era feito o anzol?



Figura 6 - anzol artesanal.

Seu Rosivaldo também nos fala que no início tínhamos que sobreviver com os plantios de feijão, Milho, mandioca para o consumo do dia a dia, nessa época tinha poucas pessoas e tudo que se colhia dividimos com todos. As vezes ia para Caraíva e Itamaraju trocar o que era produzido na roça por outros alimentos que não tinha na Aldeia.

As Vezes fazia o anzol com arames velhos que tinha na aldeia, quando aparecia roupa que vinha um broche chamado alfinete, aí meu pai fazia um anzol pequeno pra pegar piaba, jundiá, Beré e outros peixes do rio. Tinha momento que estes arames iam ao fogo para fazermos os anzóis com mais facilidade e nos detalhes para ficarem iguais o anzol que temos hoje.

O pescador que pescava com este anzol que fazíamos na aldeia, tinha que puxar o peixe muito rápido para o seco (terra), pois estes anzóis não tinha barbela para segurar o peixe por muito tempo. Não fazíamos as barbelas porque em nossa aldeia não tinham limas e serra para nós fazermos estes detalhes nos anzóis. Tinha uma linha que meus pais tiravam da folha do tucum, amarrava o anzol e iam para o rio pescar.

Pindaíba (Vara de Pesca)



Figura 7 - Pindaíba.

Aqui em nossa comunidade, a vara de pesca chamamos de pindaíba, encontramos estas varas próximo do rio. Estas varas que colhemos tem uma duração muito ampla, os pescadores retiram essas Pindaíbas da pitanga da mata e bambus.

Na pesca do Beré se usa a pindaíba menor e bem fina, diferente das varas que pescamos no período noturno, as varas são grossas e grandes. Tem que ser resistente para pegar traíra de dois a três quilos. E quando chegamos da pescaria, essas varas de pesca têm que ser bem guardadas para as pessoas não passarem por cima dela, porque nossos pais sempre falam que faz muito mal principalmente as mulheres grávidas.

Chiqueiro de Pesca



Figura – 11 Desenho de Chiqueiro de Pesca, feito por Iraty Nascimento Ferreira.

O chiqueiro é uma armadilha que serve para capturar peixes do rio nas épocas de enchentes. Essa armadilha é feita com madeiras, escolhemos um pesqueiro e cercamos uma parte para que os peixes entrem e não consigam sair, as vezes

colocamos comida para atrair os peixes que estão por ali perto, e se não quiser colocar comida no chiqueiro não tem problema. Quando enche o rio as correntezas que levam os peixes para dentro do chiqueiro, quando o peixe entra no chiqueiro não sai mais, aí a pessoa só vai lá repescar (pegar os peixes que estão dentro da armadilha) este chiqueiro também feito com varas que colhemos na mata e os barrigudos (peixe pequeno) não consegue sair mais, pois devemos soltar estes peixes.

Surú



Figura 12 - Surú.

Surú é uma armadilha de pesca que só podemos pescar com ela na época de enchentes no rio Corumbauzinho. Produzimos esta armadilha com talas de dendê, bambus e cipós resistentes que colhemos na mata. Cortamos as talas do dendê ou bambus numa metragem de dois metros, abrimos as talas de dendê em duas partes e os bambus em uma quantidade maior para fazermos o surú. Depois disso damos início na produção da armadilha, de início começamos produzir o surú onde o peixe vai ficar preso na armadilha, não podemos deixar essa parte do surú aberta.

Preparando o local no rio para armar o surú

Primeiro nós fazemos uma tapagem com palhas, madeiras na parte do rio que a correnteza é bem forte. O surú tem que ser produzido muito antes da época das águas, então vamos na mata bem próxima do Rio Corumbauzinho para cortar o bambu, cipós, tabocas, Jussara e a tala do dendê que é muito bom para fazer o surú. E quando é tempo das Águas no mês de setembro, outubro, pegamos o surú e vamos para o rio armar, no dia seguinte ia buscar os peixes que tinham caído nos Surús. pois os peixes entram e não sai, esta armadilha é comparada com um funil. Concluimos o surú abrindo uma entrada para que o peixe entre com facilidade e não poder sair.

Quando é época de pescar com Surú?

Quando chove muito na aldeia, o rio enche e forma correntezas bem fortes no rio, onde produzimos o Surú com talas de dendê e cipós para praticar a pesca. Depois que produz o Surú, iremos até o rio para escolher um lugar que a correnteza está bem forte, coloca a armadilha no meio da correnteza e fecha os dois lados com palhas e madeiras, atraindo os peixes a passar por um só lugar que está a armadilha. O peixe entra no Surú e não consegue voltar novamente para o rio, pois fica preso na armadilha e no dia seguinte o pescador retorna ao rio para retirar os peixes que foram pescados.

E todos os anciãos pescadores e jovens da nossa Comunidade sabem fazer o Surú, é um saber passado de geração para geração. Temos que retomar esses conhecimentos, nossos anciãos estão sendo encantados e nossos filhos precisam aprender para um dia ensinar seus filhos. Temos também que despertar a importância da preservação destes saberes na escola da nossa comunidade, são conhecimentos tradicionais importantes que os professores indígenas trabalhem com estes saberes na escola.

Quais os peixes que vocês pegavam no Surú e atualmente no rio Corumbauzinho?

Dona Lúcia que atualmente em nosso rio tinha bastante tipo de peixe, eu pegava muito pratibú no surú, e robalo. Hoje em dia quase ninguém conhece estes peixes que ainda temos em algumas partes fundas do Rio Corumbauzinho. O pratibú e robalo só podemos encontrar já próximo a aldeia Canto da Mata por onde passa o rio. Isso deve ser por causa da seca que todos os anos têm no rio, e as vezes os peixes desaparecem para os lugares que tem água do rio. Mais ainda pegamos traíra, beré, jundiá e marobá.

Mais aqui antigamente em nosso rio pegávamos robalo, pratibú, (espécie de tainha que tinha no rio). Mais podemos encontrar esses peixes nas partes mais fundas do rio, próximo a Dãozinho, Carlinho, Aldeia Canto da Mata e Quero Vê.

Pegamos o robalo mais quando estamos pescando de rede. É um peixe dificilmente pegar com armadilhas, pois nós temos que cuidar do nosso rio, principalmente das nossas matas. Isso é muito importante para o futuro de nossas gerações de nossa comunidade.

Tapagem



Dona Lúcia nos relata que a tapagem é feita nos lugares mais correntes do rio. O pescado tira na própria mata as palhas e madeira para a construção da Tapagem. No meio dessa tapagem deixamos uma passagem aberta para os peixes passarem, nesta passagem é que armamos o surú. O peixe fica sem jeito de passar pelos lugares que estão fechados, pois o fechamento no meio do rio com madeiras e palhas são para atraírem os peixes passarem por onde está armado o surú.

Tiramos as palhas e madeiras próximas do rio Corumbauzinho. Devemos fazer essa tapagem nos lugares que quase ninguém anda, poderá adivinhar que ali tem uma armadilha, pois irá fazer barulho, e o peixe que está por perto acaba se distanciando.

Jiquiá



Figura 14- Jiquiá.

Entrevista com Nesivaldo: Primeira a gente deixava a noite ficar escura para irmos colher o cipó timborana e verdadeiro. Na noite escura tirava os cipós para fazer o Jiquiá, chegando na mata não colhíamos qualquer tipo de cipó, se nós fazemos um Jiquiá com um cipó qualquer, não irá ter uma duração por muito tempo e os peixes que for capturado vão sair com facilidade da armadilha.

O cipó que colhemos para fazer o Jiquiá é nomeado de Cipó Verdadeiro, encontramos esta espécie de cipó nos centros das matas em uma árvore bem grossa. Temos que preparar estes cipós para produzimos o Juquiá, caçoar e cestos.

Depois que fazemos o Jiquiá, é o momento de ir para o rio pescar, chegando no rio escolhemos um pesqueiro bem calmo, pegamos piabas ou beré, escalamos estes peixes ao meio, colocamos dentro do Jiquiá para que os peixes grandes possam sentir

o cheiro e entrar na armadilha. Geralmente armamos os jiquiás nos lugares que tem bastante piabas, pois segundo seu Rosivaldo: por perto há muito peixe.

O peixe quando entra no jiquiá fica sem jeito de sair da armadilha, no dia seguinte o pescador tem que ir bem cedo para ver a sua armadilha, porque as lontras podem quebrar o jiquiá e comer todos os peixes que foram capturados pela armadilha, porém é muito difícil. Dona Valdecir: aqui na aldeia são poucas pessoas que sabem fazer o jiquiá, cada pescador fazem de cinco a oito dessa armadilha, depois vão armar no rio de nossa aldeia. No dia seguinte tem que ir no rio novamente para buscar os peixes, armamos o jiquiá nos lugares que tem bastante vitória regia e capim. Os peixes gostam muito de habitar estes lugares e o pescador tem que saber onde o peixe está, para armar o jiquiá.

Necivaldo também nos fala: O jiquiá é uma armadilha tradicional feita com cipó timborana. Para produzir essa armadilha precisamos de um período muito longo para o pescador produzir. Porque a pessoa que produz tem que esperar a época para o colhimento do cipó e preparo do cipó para inciar produzir o jiquiá. Essa armadilha é armada em lugares que tem bastante capins. Dentro do jiquiá podemos colocar: isca berés, piaba, carne fresca, pedaços galinha para atrair os peixes para dentro do jiquiá. Quando o peixe entra na armadilha, não consegue sair mais, por que as partes dos cipos que ficam por dentro da armadilha impede o peixe sair.

Local essencial para armar o jiquiá



Figura 15 - Local para armar jiquiá.

Seu Necivaldo e Rosivaldo em suas falas; que nestes lugares de plantas aquáticas que geralmente os peixes maiores do rio estão, pois os pescadores gostam de armar os jiquiá e no dia seguinte vão buscar os peixes. Dona Valdeci Pereira nos relata que devemos armar os jiquiás nas partes do rio que fazem bastante correnteza. Pois a pescaria será de muito sucesso.

4.2. Época da colheita do Cipó Verdadeiro



Figura 16 - objetos feitos de cipó verdadeiro.

Para fazermos as armadilhas esperamos a noite ficar escura para colhermos os cipós. Necivaldo nos relata que se colhermos estes cipós na noite clara as armadilhas não ficará resistente e não dura por muito tempo. Também pode criar brocas no cipó e a armadilha fica muito frágil. Esta espécie de cipó só podemos encontrar colado nos troncos das árvores, na maioria das vezes moradores pegam para produzir artesanatos, vassouras, peneiras e usamos sempre para amarrar nos acabamentos das armadilhas indígenas.

4.3. Linha de Pesca

Antigamente nós íamos no brejo tirar a folha do tucum, então levava essa folha para nossa casa, tirava a alinha que tinha na folha. Depois que tirava essa fibra da folha, tínhamos que tecer essas fibras na coxa. Então nós tecíamos a linha de todos os

tamanhos para amarrar o anzol e fazer colar. Essa atividade de tecer o tucum era muito praticada pelas mulheres, quando estiver realizando essa prática de colher o tucum e tem que ter o bastante de cuidado para não furar os pés com os espinhos que tem no tronco do tucum, também temos que ter o cuidado de quando estivermos tirando a linha do tucum não furar as mãos com os espinhos que tem na folha do tucum.



Figura 17 - Palmeira de Tucum.



Figura 9 - Folha do Tucum.



Figura 18 - Dxahá Tãnara aprendendo tirar a fibra da folha do tucum.



Figura 20 – Itxahá Kādara, Ādxehe e Dxahá Tānara tecendo a folha do a fibra do tucum na casa de seu avô.



Figura 21- Linha do Tucum.



Figura 22 – Professora Samara da Aldeia corumbauzinho ensinando para a criançada como nossos anciãos tiram a linha do tucum.

Dona Lúcia nos fala que depois que tecia a linha do tucum, amarrava o anzol que fazia com os arames velhos na linha e ia para o rio pegar beré e piaba. Podemos encontrar o tucum no brejo próximo ao rio da Aldeia Corumbauzinho. A linha do tucum não servia só para pescar, as mulheres usavam muito na produção de colares pataxós. Crianças da Aldeia Corumbauzinho tirando a linha do tucum: Itxahá Kãdara, ãdxehê e Dxahá Tanara tirando a fibra do tucum na Aldeia Corumbauzinho. As crianças com os nomes abaixo, nos falam que essa é uma atividade muito divertida e que precisa de muita atenção para tirar a linha da folha do tucum, Itxahá fala que nunca tinha visto alguém da comunidade praticar essa atividade e fica muito feliz que essa fibra tirada da folha do tucum era usada para pescar e fazer colares.

Entrevista com Itxahá Kãdara

Itxahá Kãdara nos fala: que é uma atividade muito divertida, só temos que ter o cuidado de não furar as mãos com os espinhos que tem nas folhas, porque estamos aprendendo agora esse saber cultural. Nunca sabia que essas folhas davam para fazer a corda do colar e a linha de pesca. Temos que aprender estes saberes, para nós não comprarmos as linhas enceradas que tem nos mercados. E os artesanatos ficam mais bonitos, tradicionais e temos que colocar valor no nosso trabalho. A linha é muito resistente, quando coloca muita força pra arrebentar a linha, falta cortar nossas mãos e não arrebenta.

Seu Rosivaldo relata que seus pais tiravam a linha do tucum para pescar. Tínhamos que produzir nosso próprio material de pesca, pois tinha que ir ao brejo próximo do rio para colher a folha do tucum, trazia para minha casa, depois tinha que tirar a fibra, tecer e amarrava o anzol. Pois também temos que ter todo cuidado no processo de colheita do tucum, porque é um coqueiro do brejo que tem espinhos em seu tronco e folhas. Também estarmos preservando essas espécies de coqueiros para que nossos filhos desfrutem dessa vivência tradicional que nossos anciãos nos deixaram.

4.4. Pescaria com o Facho



Figura 23- Facho pronto para pescaria.

A pescaria com o facho e facão, é realizada quando a noite está bastante escura, porque o facho ilumina com mais facilidade os peixes que estão nas partes mais rasas do rio. Caso o pescador for realizar essa pescaria na noite clara, não conseguirá matar os peixes, porque na noite clara o facho não ilumina o suficiente os lugares que estão os peixes. Os peixes que estão nas partes rasas do rio consegue ver o pescador e acabam fugindo daquele pesqueiro.



Figura 24- Restos do facho.

Essa pescaria também exige de bastante cuidado com as sobras do facho que estão com fogo, porque o rio fica próximo da mata e corre o risco de acontecer incêndio e queimar toda mata. Os pescadores não podem matar os peixes pequenos, nem os peixes que estão em reprodução.

Ao realizar essa pesca, os pescadores procuram as partes mais rasas do rio, porque conseguem ver o peixe e matar com o facão.

4.5. Espécies de peixes do Rio Corumbauzinho

Traíra

Hoje em nosso Rio Corumbauzinho, ainda pegamos traíra que pode pesar até 3 quilogramas. É no Horário noturno que podemos pescar este peixe. Para pegar este peixe, as armadilhas tem que ser bem feita, se não pode escapulir (sair) da armadilha, a corda de pescar traíra tem que ser bem feito porque o seu dente é muito grande e resistente.



Figura 25 - Traíra.



Piaba

Aqui no Rio Corumbauzinho tem bastante piaba, quando o rio enche fica muito bom para pescar. Também utilizamos a piaba como isca para pegar traíra. Pescamos a piaba pela parte da manhã, pois o anzol que fazemos com alfinetes para pegar este peixe são pequenos e alinha do tucum tem que ser bem fina.

Estes peixes na maioria das vezes comemos assados e fritos, também preparamos estes peixes na folha da patioba e comemos com muita farinha de puba.

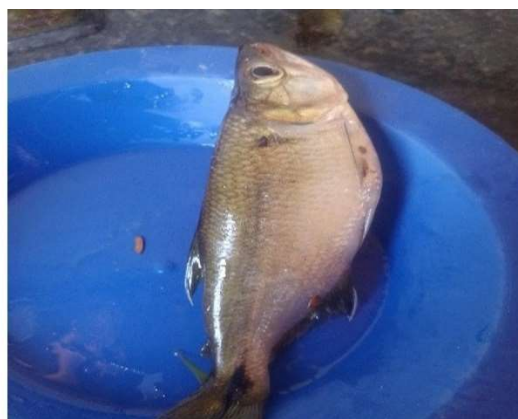


Figura 26 - Piaba.

Jundiá

Este peixe é idêntico ao bagre, pescamos o jundiá próximos a lugares argilosos e árvores velhas que caem no rio. Sua comida favorita é a piaba e a minhoca que cavamos nas margens do Rio Corumbauzinho. Este peixe não possui escamas e suas barbas são bastante grandes, geralmente cozinhamos estes peixes no óleo do coco com bastante tempero verde.



Figura 27- Jundiá.

Marobá

O Marobá é um peixe muito fácil para você pescar, ele está em todas as partes do rio, gosta de ficar em lugares profundos e espaçoso.

Também não aguenta ver uma armadilha com iscas que já quer comer, pescamos o Marobá pela parte do dia, porque a noite ele não gosta muito de comer, então fica muito difícil da gente pescar.



Figura 28 - Marobá.

Cascudo ou Acarí

Dona Valdeci fala que o cascudo é um peixe muito difícil da gente pescar, ele é muito raro de cair em uma armadilha, porque gosta de lugares que tem bastante lama.

Aqui em nossa comunidade são poucas pessoas que comem o Cascudo, pois é um peixe que suas escamas são bem grossas e temos que ter o cuidado para não ser furado pelo seu esporão que é venenoso.

Quase não pegamos este peixe nas armadilhas, só pegamos ele quando o rio está seco, também é muito resistente mesmo quando pescamos. Estes peixes gostam de andar sempre em cardumes e quando eles observam que tem pescadores por perto desaparecem rapidamente na lama.



Figura 29 - Cascudo.

Beré / Corró

Dona Lúcia relata que estes peixes são pescados por iscas do chão. Gosto muito de pescar estes peixes com pindaíbas, pois é um peixe que acostuma comer de dez há quatorze horas. Tem vez que faço minha pescaria em um só pesqueiro que tem esse peixe, também temos que ter o cuidado para não pescados os berés que estão chocados, pois estes peixes quando estão com filhotes não saem dos ninhos e são difíceis de pegar no anzol, temos que ter a consciência de quando os berés estiverem neste período não podemos ir ao rio para pescar.

Estes peixes não comem geralmente estão em todas as partes dos rios, principalmente próximo das baronessas, juncos e lugares rasos do rio. As iscas que pegamos este peixe são tiradas nos barrancos do rio.



Figura 30 – Beré.



5. ENTREVISTAS

5.1. Entrevista com Rosivaldo

Como Vocês comercializavam o peixe que pegavam no rio Corumbauzinho?

O peixe que pegávamos era dividido por todos da comunidade, pois nessa época havia muita fartura de peixes em nosso rio. A gente também trocava o peixe com farinha com os parentes de nossa comunidade, era muito boa essa vivência na comunidade, o peixe também era dividido com nossos filhos que moravam perto de nossa casa, cada filho que tinha sua família recebia a sua moqueca de peixe. Pois o dinheiro era muito difícil circular em nossa comunidade e essa era forma de comercialização dos peixes que pegávamos no rio Corumbauzinho.

Saber passado de geração para geração. Temos que retomar esses conhecimentos, nossos anciãos estão sendo encantados e nossos filhos precisam aprender para um dia ensinar seus filhos. Temos também que despertar a importância da preservação destes saberes na escola da nossa comunidade, são conhecimentos tradicionais importantes que os professores indígenas trabalhem com estes saberes na escola.

Como que vocês faziam para produzir as armadilhas tradicionais?

A gente ia para mata fazer os artesanatos e aproveitávamos para colher as madeiras, palhas, cipós, talas de dendê e trazia para produzir as armadilhas em nossas casas, porque exige de muito tempo para fazer essas armadilhas. Chegando em casa preparava todos esses materiais colhidos na mata e começava a fazer as armadilhas de pesca. As armadilhas que eram mais fáceis de fazer era o surú e o facho, levava entorno de umas 4 horas para produzir cinco surú e facho. Diferente do jiquiá que levava de dois a três dias para produzir uma unidade. As vezes pegávamos arames velhos que tinha no quintal, alfinetes que vinha nas roupas quando os parentes compravam e produzíamos os anzóis de pesca para pegar piabas beré.

Quem ensinou fazer armadilhas de pesca tradicional?

Apreendi fazer armadilhas de pesca com meus pais que sempre faziam para pegar o peixe para nós se alimentar. Pois no passado não tinha comércio por perto que vendia os materiais de pesca e meus pais tinham que criar as armadilhas tradicionais para pescar, sempre gostei de fazer o surú, pois ficava bem atento quando meu pai trazia os cipós nas talas do dendê para produzir o surú e com isso fui gostando de produzir e pescar com essa armadilha. Mas estou aqui para ensinar para aquelas pessoas que tem o interesse em aprender fazer essa armadilha tradicional de pesca de nosso povo Pataxó.

Qual a importância do rio Corumbauzinho para nossa comunidade?

O rio da nossa Aldeia Corumbauzinho é muito importante para todos que moram aqui, pois se torna um meio de buscarmos o nosso alimento para o sustento das nossas famílias.

Também é importante para praticarmos a pesca tradicional, o rio também se torna um local de diversão de nossas crianças, as crianças brincam de fazer armadilhas não só de pesca, mas também armadilhas de capturar caças. Essas crianças acabam tendo os pensamentos de pessoas adultas, fazem as armadilhas sem dificuldade, onde acabam ajudando no sustento de suas famílias.

Tem uma parte do rio que é muito sagrado para nós, nele fazemos nossos rituais de agradecimento a Tupã (Deus), Txopay (Deus da Água) por nos proteger e dá permissão para realizarmos nossas práticas culturais no rio. Este local foi nomeado de Poço Fundo, pois é nele que as crianças, jovens da comunidade realizam as brincadeiras de pega, pega.

Qual o local essencial para armar as armadilhas?

Os locais que armamos as armadilhas ninguém possam ter acesso, são lugares rodeados de matas, tiriricas e espinhos. Quando chegamos até o pesqueiro escolhemos as partes rasas do rio para armar as armadilhas, geralmente nessas partes rasas do rio tem bastantes juncos, vitória regia e capins.

Temos pontos de pesca feito por moradores que moram próximo ao nosso rio Corumbauzinho, estes pontos de pesca as pessoas acabam homenageado a pessoa que fez o ponto pesqueiro. Como por exemplo: Rio de Dona Valdeci, Rio de Maria Pereira, Rio de Jó, Rio de Seu Mário e Rio de Raimundão. Há muitas espécie de peixes nesses rios que são formados, pois os pescadores quando vão pescarem não voltam com os seus samburás vazios. Tem também o rio Cavaquinho e Cafezinho que muitas pessoas gostam de pescarem, os pescadores das Aldeias Águas Belas e Craveiro que sempre praticam a pescaria no rio Cafezinho, pois é um pequeno rio que se encontra com o rio Corumbauzinho e deságua no rio principal de Corumbau. berés, Temos que preservar estes rios que as pessoas fazem para que no futuro os nossos filhos possam pescar, brincar, conhecer e saber identificar as espécies de peixes que tem nessas localidades que foram feitas pelos pescadores anciãos de nossa comunidade.

5.2. Entrevista com a pescadora Luciene Pereira Braz

Como vocês preparavam o peixe que pescavam no rio Corumbauzinho?

Quando ia pescar não tinha hora de voltar para casa, então a gente pagava peixe do rio, assava por ali mesmo e comia com farinha de puba que levava na capanga. Mas nós sempre preparamos o peixe que pegamos no rio de várias formas: assado, cozido, na folha da patioba e a moqueca no leite de coco.

Quais as consequências que o rio Corumbauzinho vem sofrendo atualmente?

Hoje o nosso rio vem sofrendo muito com a seca, próximo de nossa aldeia tem muitas plantações de eucaliptos, há queimadas de nossas matas próximas do rio e com isso o nosso rio sofra. Também tem represas que fazendeiros fazem para captar água do rio, onde os peixes acabam indo para outros lugares que tenham bastante água do rio e usarem nas irrigações de suas lavouras. Então nós da aldeia temos que estar sempre preservando nosso rio para não acabar com os peixes que ainda temos.

Quais os pesqueiros que temos no Rio Corumbauzinho?

A gente gostava de pescar em uns pesqueiros chamado Cavaquinho e no Saruê. Eram locais quando íamos pescar, sempre pegava bastante peixe com muita fartura. Atualmente tenho oito filhos e sempre ensinei eles a praticarem o plantio nas roças e a pescaria tradicional no rio Corumbauzinho.

Dona Luciene também nos relata que sempre gostou de pescar sem a companhia de criança, que a pescaria com armadilhas indígenas precisa de muito silêncio, caso leve uma criança pode estar fazendo barulho e espantando os peixes para longe do pesqueiro que irá por armadilhas.

Também tem os momentos exatos para pescar o peixe, para pegar a traíra temos que ir ao horário de seis a sete horas da noite. Para pescar o Beré, temos que ir para o rio na parte da manhã das sete às dez horas. Então nós ficávamos atento nos horários que os peixes estavam com bastante fome, porque se você não tiver essa sabedoria não pesca peixe nenhum.

5.3. Entrevista com a pescadora Valdeci Pereira Braz da Aldeia Corumbauzinho.

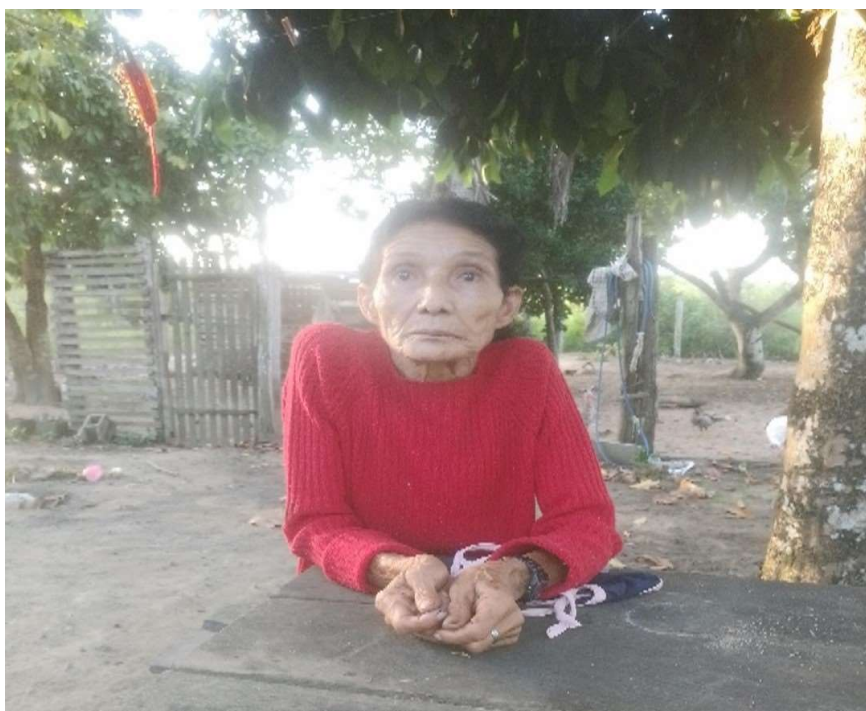


Figura 31 - Dona Valdeci Pereira Braz

Como que você pesca no Rio Corumbauzinho?

Primeiro faço a escolha de um pesqueiro que tinha bastante peixe naquele local, em seguida fazia a tapagem com palhas de coqueiro, deixava sempre um corredor para armar o surú, este corredor tem que ser bem caprichado para que os peixes não mude de direção onde o surú está armado, se fazer a tapagem a tapagem com bastante atenção e resistente, o peixe entra dentro do surú com tanta rapidez que não consegue voltar mais para trás, o melhor momento de pescar com o surú, é quando chove muito no rio, porque os peixes ficam muito voroçados (perdidos) na água barrenta causada pela forte chuva. Não podemos armar o Surú de qualquer jeito no rio, caso eu arme o surú no rio sem a tapagem, no outro dia que eu for, não tem nenhum peixe dentro dele.

Minha mãe fazia o anzol com arames, depois ela pegava a lima, fazia a barbela do anzol para o peixe não escapulir. Antes a gente ia no rio mais minha mãe, nós levava o caco de isca, porque mais tarde só pegava judeu, só pegava este peixe com isca (minhoca) então, a gente ia bem-preparada para quando chegasse a noite pegar o judeu, dava para saber onde os rebanhos de judeu estavam, este peixe habitam lugares que tem bastante pau velho que caem sobre o rio, pois acabam fazendo bastante barulho. Ao localizar onde está o rebanho do judeu, o pescador fica por ali mesmo fazendo a sua pescaria, as vezes os pescadores enchiam bacia só deste peixe.

Quais são os pesqueiros de armadilhas tradicionais?

Sempre quando nós vamos pescar no rio, fazemos primeiro o pesqueiro para armar nossas armadilhas, estes lugares são essenciais para pescar de pindaíba, surú e jiquiá. Ao chegar nestes pesqueiro não podemos fazer barulho para os peixes que estão por perto das armadilhas não fugirem para outros lugares distantes.



Figura 32 - Pesqueiros.

Temos que ter o bastante de cuidado no trajeto até chegar aos pesqueiros, no caminho há muito espinhos de dendê, de tucum, tiriricas e cobras. Pois o trajeto até chegar nos pesqueiros são rodeados de muita mata. Eu não gosto de pescar naqueles pesqueiros que outros pescadores já deixaram feito, gosto sempre de fazer o meu pesqueiro para pescar, estes pesqueiros já estão batidos por muito pescadores e quando muitas pessoas pescam nestes locais de pesca não pegam quase nenhum peixe, é por isso que sempre gostei de fazer os pesqueiros nos lugares mais fechado do rio, onde consigo pegar muito peixe.

Por que você sempre gostou de pescar?

Desde pequena aprendi a pescar com as armadilhas que meus pais faziam, também sempre ficava atenciosa para aprender fazer essas armadilhas de pesca, um dia fiz o surú e peguei muito peixe, foi onde acabei gostando de pescar para ajudar meus pais na manutenção da família. Quando meus filhos saem para estudar, ajeito minhas

Pindaíbas (vara de pescar no rio) e vou para rio pescar o Beré e traíra. Quando eles chegam tem muito peixe na bacia para tratar. Sempre gostei de pescar sozinha, tanto ao dia, quanto a noite. porque sozinha faço silêncio para pegar os peixes que estão próximo de mim.

Também fico bem escondida para que ninguém possa me ver pescando no rio, fico bem escondida no pesqueiro que faço e quando vou para casa levo bastante peixe.

Como era a linha que vocês pescavam no rio Corumbauzinho?

Antigamente nós íamos no brejo tirar a folha do tucum, então levava essa folha para Quando a noite está escura e muito boa para pesca com o facho feito de palhas, a noite escura facilita o pescador visualizar o peixe e matar de facão.

Como é a Linha do Tucum

Meus pais tiravam a linha do tucum para pescar. Tínhamos que produzir nosso próprio material de pesca, pois tinha que ir ao brejo próximo do rio para colher a folha do tucum, trazia para minha casa, depois tinha que tirar a fibra, tecer e amarrava o anzol. Pois também temos que todo cuidado no processo de colheita do tucum, porque é um coqueiro do brejo que tem espinhos em seu tronco e folhas. Também estarmos preservando essas espécies de coqueiros para que nossos filhos desfrutem dessa vivência tradicional que nossos anciãos nos deixaram.

Quais Espécies de peixes tem no Rio Corumbauzinho.?

Aqui em nosso rio tinha bastante qualidade de peixe, quando ia pescar pegava o Jundiá, Beré, Traíra, Acarí, Piabas, Marobá, Tucunaré, Robalo, Mandí, Pratibú e Judeu. Hoje não temos espécies de peixes como antes que nossos pais pescavam, o Pratibú era uma qualidade de tainha que meu pai sempre pegava nas armadilhas e desapareceu de nosso rio. Meu pai também pegava robalo no surú e atualmente não temos mais, esses peixes desceram de rio abaixo e só podemos encontrar eles próximo ao rio principal de Corumbau.

5.4. Entrevista com Ednaldo Ferreira do Santos

Como é feito o chiqueiro de pesca?

O chiqueiro é uma armadilha que a gente cerca uma parte do rio, as vezes colocamos comida para atrair os peixes que estão por ali perto, e se não quiser colocar comida no chiqueiro não tem problema. Quando encher o rio as correntezas que leva os peixes para dentro do chiqueiro, quando o peixe entra no chiqueiro não sai mais, aí a pessoa só vai lá repescar (pegar os peixes que estão dentro da armadilha) este chiqueiro é feito com varas que colhemos na mata e não passa nem barrigudo (peixe pequeno).

Os anciãos sempre gostaram de fazer essa armadilha, meu pai, meu avô. Produzimos este chiqueiro quando é época de chuva, pois as chuvas enche o rio e formas fortes correntezas. Pegamos marobá, traíras e beré.

Em que época do ano os peixes do Rio Corumbauzinho estão em reprodução?

Durante o período do ano que vai de novembro a março os peixes estão em desova, neste período devemos estar cientes que não podemos pescar, temos que conscientizar as pessoas de nossa comunidade para que juntos podemos respeitar este período que é de muita importância para mantermos as espécies de peixes.

As pessoas que utilizam redes também tem que ter o cuidado com os camarões, quando eles estiverem reproduzindo não podemos praticar este tipo de pesca em nosso rio, as vezes temos pessoas que acabam pescando os berés que estão com filhotes e isso não podemos deixar acontecer. Os jovens e crianças precisam ter este conhecimento para não pescarem os peixes que estão com filhotes, pois temos que abordar este tema na comunidade para que no futuro as gerações saibam identificar as espécies de peixes existentes em nosso rio. Acho que deveríamos dialogar com a comunidade para que neste período a pesca poderia ser suspensa até passar a época de reprodução, pois conseguiremos manter as espécies de peixe sempre em nosso rio.

6. RECEITAS

6.1. Preparo do peixe do rio na folha da patioba

Primeiro limpa os peixes maiores que pescamos no rio, tempere com alho, cebolinha verde, coentro, tomates, pimentão e na maioria das vezes colocamos um molho de pimenta para quem gostar.

Vá até a mata para colher a folha da patioba, tem que colher as folhas da patioba mais nova para que possa resistir na quentura do fogo, caso retire uma folha velha da patioba, não terá a resistência para assar o peixe.

Pegue a folha da patioba e coloque sobre uma mesa, pegue o peixe temperado e põe dentro da folha, pegue duas cordas de embira ou bananeira e amarre as duas pontas da folha da patioba para o peixe não cair no fogo.

Leve a moqueca e põe no moquém para assar, depois de 30 a 40 minutos o peixe está pronto para comer com farinha de puba.



Figura 33 - Peixe na patioba.

6.2. Peixe assado

De início Dona Valdeci faz uma fogueira na beira do rio ou em nossas casas, quando a fogueira tem bastante brasa, é o momento de colocar os peixes para assar.

Preparamos a farinha e cozinhamos o aipim para comer com peixe. E geralmente nós assamos o peixe lá mesmo no rio, porque quando saímos para pescar ficamos quase o dia todo, não tem como voltar para casa e aproveitamos o tempo para pegar mais peixes.

Os peixes que mais gostamos de assar são: Traíras, Berés e Piabas. Estes peixes são mais rápidos de assar, diferente dos peixes de couro que tem uma duração muito ampla para assar.



Figura 34 - Peixe assado.

6.3. Moqueca de Traíra no leite do coco

Os peixes maiores que pegamos no rio, é essencial para cozinarmos no leite do coco, pegamos uma panela bem grande, colocamos vários temperos verdes junto com o peixe e adicionamos o leite de coco. Depois de 20 minutos o peixe está pronto para comermos, geralmente essa moqueca é servida para todos da família.

Atualmente o peixe que pescamos no rio não dá para dividir com todos da aldeia, porque cresceu muito a nossa aldeia e o peixinho que pegamos dividimos com nossos filhos, mais no passado tudo era compartilhado entre os moradores da aldeia Corumbauzinho.



Figura 35 - Moqueca no leite de coco.

7. ATIVIDADES NA ESCOLA

É muito importante o compartilhamento deste trabalho de pesquisa para a escola, pois iremos retomando aos poucos as práticas culturais de pesca que nossos anciãos faziam para sobreviver. Este trabalho fortalece muito na aprendizagem dos estudantes, alguns já ouviram seus avós contando sobre a importância das armadilhas de pesca, outros nem viram falar. O artigo 78 da LDB 9394/96 afirma que estes conhecimentos tradicionais de pesca na educação escolar indígena deve ser intercultural e bilíngue para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade. Foi muito importante dialogar com os estudantes sobre a importância de estarmos juntos fortalecendo a nossa escola indígena com estes saberes que nossos anciãos faziam para sobrevivência.

Na roda de conversa, quase ninguém tinha conhecimento sobre as armadilhas de pesca. Muitos estudantes tinham mais conhecimento dos materiais de pesca industrializadas, pois estão presentes em nossa comunidade. E nossos jovens acabam esquecendo dos saberes tradicionais de pesca na aldeia.

A escola tem o papel fundamental de ir até a comunidade, junto com seus estudantes para retomar estes saberes culturais de nosso povo pataxó. Pois se a comunidade não vai até a escola, a escola tem o direito de ir até a comunidade, pesquisar com nossos anciãos os costumes tradicionais e compartilhar com nossas futuras gerações. Observo que os estudantes não poderão ficar entre quatro paredes para aprender, pois os conhecimentos tradicionais estão sempre presente em nossa comunidade. Devemos realizar as aulas de campo para irmos retomando aos poucos a nossa cultura pataxó. Vejo que os estudantes ao sair para pesquisar com nossos anciãos, aprendem mais sobre a vivência, agricultura, pesca, artesanato e início de formação de nossa aldeia Corumbauzinho. Não podemos deixar a responsabilidade de

fortalecimento cultural só para os professores de cultura, todas as disciplinas terão que pensar no mesmo objetivo de está fortalecendo a identidade cultural da escola. A participação das crianças neste trabalho é muito importante para a escola. Pois essa geração está com a mente aberta para adquirir conhecimento, percebi que muitos não conheci as armadilhas, as espécies de peixes que temos em nosso rio, é muito importante que essa geração tenha conhecimento sobre este projeto de pesquisa, para que possamos preservar e fortalecer este saber cultural de nosso povo pataxó.

Registro de Atividades realizadas Pelos Estudantes do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho



Figura 36 - Atividades na escola.



Figura 37 - atividades realizadas com estudantes do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.



Figura – 38 Desenho de peixe do mar na parede da escola.

No início das atividades fazemos primeiro a oração indígena no nosso idioma pataxó, pois agradecemos a Tupã (Deus) pelo dia de trabalho, pelo alimento diário, proteção e todos seres de luz.

Depois da oração fomos com os estudantes até a casa do pescador Necival para pegar os jiquiás para irmos pescar no rio. Chegando nessa casa mandei os estudantes procurarem os jiquiás, procuraram por muito tempo, pois anteriormente tinha feito uma pergunta para os estudantes: o que é jiquiá? Muitos estudantes falaram: peixe, rede, frutas, caça, cordas e nenhuma dessa alternativa estava correta. Mande os estudantes olharem para cima da parede da casa, pois quando viu a armadilha ficaram todos felizes. Pegamos todos os jiquiás e fomos até a casa de Seu Rosivaldo, Dona Lúcia, onde com eles tivemos uma aula muito rica, aprendemos todas as técnicas de como pescarmos com os jiquiás. Depois dessa aula fomos colocar em prática o que aprendemos com os pescadores anciãos de nossa comunidade.

Seu Rosivaldo nos fala que devemos fazer muito silêncio para pescar com as armadilhas, pois nos lugares que armamos os jiquiás, ficam os peixes maiores. Aprendemos também com estes pescadores que nos lugares que tem bastante peixes pequenos são essenciais para pegarmos bastante peixe com os jiquiás. Depois dessa

aula maravilhosa fomos colocar em prática oque aprendemos com estes pescadores citados acima.



Figura 39 - Aula de pescaria tradicional com Sr. Rosivaldo e Dona Lúcia.





Figura 40 - Estudantes pescando com juquiá.





Figura 41 – estudantes pescando no rio Corumbauzinho.



O colégio de Aldeia Corumbauzinho recebe os seus estudantes de várias localidades: Assentamentos e fazendas. Tivemos as aulas de pesca com os estudantes da aldeia e desses lugares citados acima, pois no momento que formos para a prática, percebi que os estudantes que moram na aldeia se destacaram mais na pesca com armadilhas.

Fui perceber que as crianças carregam os saberes tradicionais de pesca desde pequenas, pois aprenderam com seus avós e pais. Os estudantes que moram fora da comunidade gostaram dessa experiência de pesca com armadilhas, pois foi a primeira vez que tinham visto essas armadilhas que os anciãos de nossa comunidade fazem para sobrevivência.

Tivemos atividades com os estudantes em sala de aula também, onde fizeram desenhos de peixes existentes no rio e armadilhas. Alguns desses desenhos foram feitos nas paredes das salas de aula. Onde vir a importância de deixar registrada para que futuras gerações conheçam espécies e armadilhas de nossa aldeia.

Além do mais foi uma experiência muito rica para nossos estudantes e professores da escola. Foi muito importante trazer os anciãos para transmitir os conhecimentos tradicionais de pesca para dentro da nossa escola, assim vamos fortalecendo a identidade cultural dos estudantes e escola. A atividade de pesca realizada na escola, abriu portas para que outros professores possam levar os seus estudantes para irem até a comunidade buscar novas aprendizagem de nossa cultura.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi relatar a cultura do povo Pataxó da Aldeia Corumbauzinho, retomada dos saberes tradicionais da comunidade. Suas práticas culturais no rio Corumbauzinho, em especial a pesca tradicional no rio Corumbauzinho e as técnicas em lidar com elas para pescar no rio de nossa comunidade.

Neste trabalho, foi proposto descrever e comentar aspectos da pescaria com armadilhas tradicionais do povo pataxó da Aldeia Corumbauzinho de maneira mostrar práticas tradicionais relacionadas a pesca com armadilhas, espécies de peixes existentes no rio, receitas tradicionais e atividades com estudantes no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho. Ao fazer essa descrição, queria apontar a importância da retomada dos saberes tradicionais de pesca para nossos jovens, crianças, estudante e toda comunidade, comparando as práticas tradicionais de pesca no passado e pesca atualmente na aldeia.

Acredito que, mesmo com novos materiais de pesca industrializadas em nossa comunidade, os pescadores anciãos vem transmitindo para os seus familiares a vivência de pesca tradicional que exerciam quando não tínhamos materiais de pesca industrializadas na comunidade, com o pensamento de retomarmos estes sabres e não deixar cair no esquecimento de nossas futuras gerações.

Entrevistei os pescadores anciãos, pois conversei sobre o meu trabalho de pesquisa e seria muito importante as suas participações. De início fui fazendo algumas anotações no caderno sobre as armadilhas que tinham em nossa comunidade, de acordo com as anotações percebi que em nossa comunidade tinha bastante armadilha de pesca tradicional. Com essas informações fui desenvolvendo meu trabalho de pesquisa, também falei que depois iria voltar para fazer uma filmagem deles contando um pouco de sua vivência de pesca.

Tiveram momentos ruins e bons, levei o celular para gravar as informações de cada pescador ancião, pois falei que poderiam ficarem a vontade para se expressarem sobre o tema de percurso. Os anciãos ficaram um pouco tímido com o aparelho celular, porque era uma novidade para eles ao serem entrevista com um aparelho celular em sua frente.

Mais ao decorrer das entrevistas fomos acostumando-nos com a tecnologia que usei para a realização do trabalho. Tive a felicidade de aprender fazer algumas armadilhas com os ensinamentos dos pescadores anciãos de minha comunidade, mais feliz ainda por conhecer cada pescador e suas histórias de pesca no rio Corumbauzinho.

Procurei usar palavras mais usadas no nosso dia a dia na comunidade, para fazer minhas interrogações com os anciãos. Até mesmo para facilitar nas interpretações de perguntas, pois os pescadores anciãos não estão acostumados com o português padrão e trazer o vocabulário de palavras tradicionais para este trabalho seria de muita importância.

Tive a felicidade de conhecer as armadilhas: Surú, Jiquiá, Tapagem, Chiqueiro, vara de pesca, e como os anzóis de antigamente eram feitos. Também conheci algumas espécies peixes existentes no rio Corumbauzinho e a infelicidade de ouvir relatos que

nosso rio secou bastante, no passado tinha robalo, tainhas, carapebas e que hoje não existe mais.

Também tive o privilégio de participar de uma pesca com armadilhas tradicionais com os estudantes do fundamental I, onde percebi que as crianças carregam em se a cultura de nosso povo desde cedo. Mais alegre fiquei quando via os estudantes se destacando na pescaria e atividades realizadas no rio Corumbauzinho.

Tiveram muitas dificuldades para a realização deste trabalho, pois na comunidade não tinha algo registrado sobre a pesca com armadilhas. Foi o momento em que fui buscando aos pouco dentro da comunidade alguém que faziam ou pescavam com armadilhas de pesca.

Não deu para pesquisar todos os pescadores de minha comunidade, alguns estavam trabalhando fora da comunidade na colheita de café e com isso não deu para compartilhar a vivência de pesca de todos pescadores neste trabalho.

Com base no meu trabalho de pesquisa, consegui alcançar todos meus objetivos, pois este trabalho contribuiu muito para minha identidade cultural, para minha comunidade, escola e para todo povo pataxó.

Fico feliz desde quando comecei a cursar o FIEI (Formação Intercultural Para Educadores Indígenas) então, busquei em minha comunidade a valorização dos saberes tradicionais de pesca com armadilhas despertando em nossas gerações a importância da nossa cultura pataxó.

Posso contribuir com uma apresentação deste trabalho para a minha comunidade, onde todos possam conhecer os saberes culturais da aldeia, também este material ficará na escola para que os professores possam trabalhar com seus estudantes em sala de aula e todo povo pataxó.

REFERÊNCIAS

- . Povo Pataxó Leitura Pataxó: Raízes e Vivência do Povo Pataxó nas Escolas. Secretaria da Educação, Salvador, 2005.
- . Os Saberes Dos Pataxós De Barra Velha Sobre o Mar. Cosme Braz Filho, Maio de 2019 FIEI UFMG. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2019. Habilitação Ciências da Vida e da Natureza.
- . Pesca no Mangue: Armadilhas Tradicionais Pataxó. Karini Ferreira do Nascimento 2018 FIEI UFMG. / Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.
- . A Infância das Crianças Pataxó: Observações Sobre a Vida das Crianças na Aldeia Corumbauzinho (BA). Samara da Silva Santos Ferreira e Reginaldo Silva Santos 2021 FIEI UFMG. / Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.
- . Jair Prandi <https://www.viagensecaminho.com/sobre-nos>
Autor, editor e fotógrafo do viagens e caminhos. 09/11/2021 At 20:32.